

# Ajustes já feitos abrem espaço para retomada do crescimento, diz FGV

*economia - Brasil*

Débora Guterman  
De São Paulo

Um grupo de professores da Fundação Getúlio Vargas caminha no contra-fluxo do senso comum. Acredita que o país chegou ao fundo do poço e que a economia tem espaço para crescer já no segundo semestre. Crê também que as reformas, tributária e previdenciária, não são um passo obrigatório para a expansão da atividade econômica.

A frente desse pensamento está o cientista político Kurt von Mettenheim, editor do GV Prevê, um boletim publicado a cada trimestre que, como frisa, é uma análise conjuntural para empresas e não um indicador econômico. "O ajuste da economia já foi feito", argumenta Mettenheim, de malas prontas para uma temporada como professor no Centro de Estudos Brasileiros em Oxford, na Inglaterra.

"Tudo indica que os processos que obrigaram o Brasil a manter a austeridade fiscal e monetária estão chegando ao fim, vistos os indicadores de deflação, a melhora do fluxo de investimento e do risco Brasil e a valorização do C-Bond (principal título externo brasileiro e de mercado emergente), em comparação ao início do ano", observa.

A visão, assumidamente otimista, fez com que os economistas e cientistas sociais e políticos dos dois institutos da FGV responsáveis pelo boletim — a Escola de Administração de Empresas de São Paulo e o Instituto Brasileiro de Economia, do Rio — mantivessem inalteradas as previsões de março para 2003.

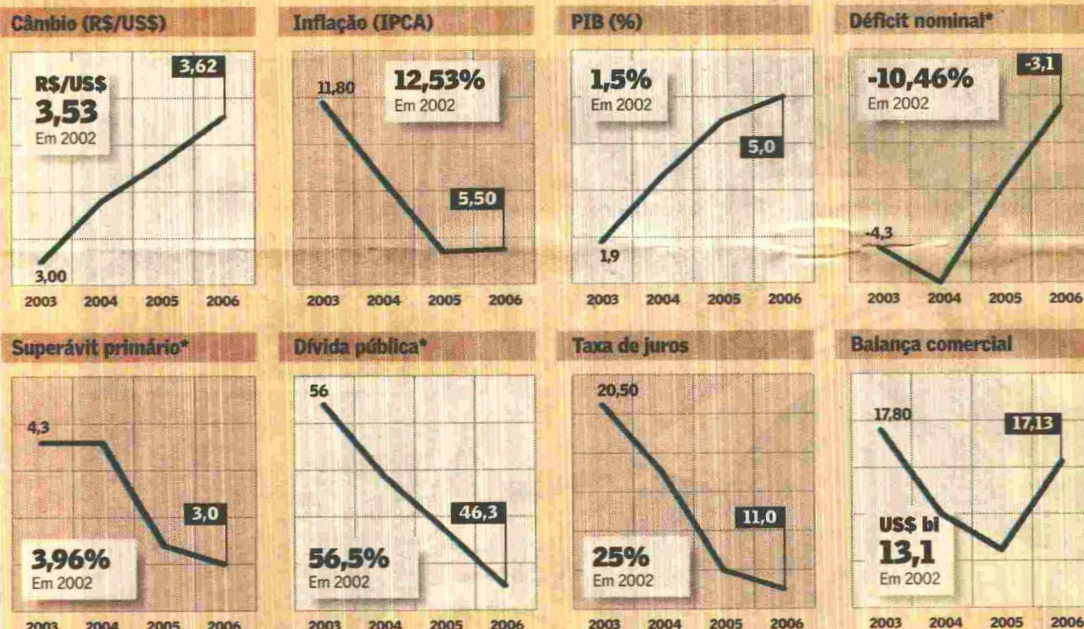
A inflação oficial, medida pelo IPCA-IBGE, deve terminar o ano em 11,8%, a taxa de juros, hoje em 26%, deve cair a 20,5% e a economia, crescer 1,9%, variação similar à do setor industrial. A partir daí, começará o "espetáculo do crescimento" anunciado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com expansão de 3,3% em 2004 e de 5,4% no ano seguinte.

A firme opinião chama a atenção em momento em que institutos de pesquisa, consultorias e até o Banco Central refazem seus cálculos sobre a atividade, sob o argumento de que a percepção de uma economia mais debilitada do que se imaginava no início do ano se traduziu em dados a partir de abril. As novas estimativas para a expansão do PIB dificilmente ultrapassam 1,5%.

Esses conflitos de idéias são naturais, diz Mettenheim. "Na perspectiva de um industrial, por exemplo, a economia está numa situação terrível, ele tem de decidir se demite ou não; se diminui a produção ou não. Assim como o trabalhador, o setor industrial é último a sair do ciclo econômico

## Sinais de melhora

Previsão de alguns indicadores econômicos



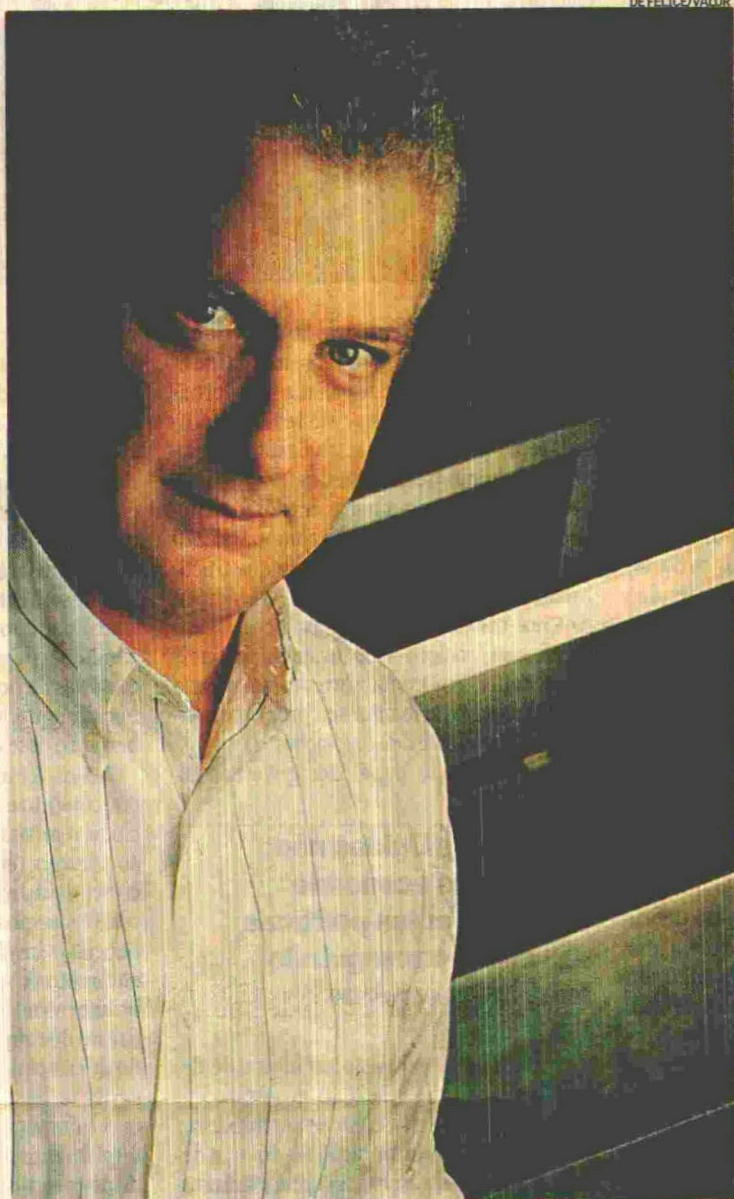
co de ajustamento. Mas não é uma recessão, e sim ajustamento ao choques externos", insiste.

O cientista político também se confronta com esmagadora maioria de economistas e políticos quando o assunto é reformas. "Sou anti-reforma. É muito comum ouvir economista dizer que se não reformar os sistemas tributário e previdenciário, o país não vai crescer. A gente não é bem dessa escola. Por que? Se a economia cresce no segundo semestre, as contas do governo aumentam". Afinal, explica, as finanças públicas e o déficit previdenciário também são resultado do fraco nível de crescimento da economia, pondera.

Na sua avaliação, o governo brasileiro deveria dar um passo após outro em vez de encarar a reforma como um pacote, que não possa ser desconfigurado com emendas. Assim como os pacotes de anti-inflação, diz o professor, pode-se acertar gradualmente. "No último ano, o ajuste externo com combate à inflação e política monetária restritiva levou o país a uma quase recessão, a uma parada", lembra Mettenheim, e ressalta que o risco de recessão está descartado.

O cientista político reforça que as reformas são importantes, mas como projetos estruturais a médio prazo. "O que mudou a curto prazo é que processo de ajuste chegou ao fim e a economia vai crescer, com ou sem as reformas. Elas são um fator importante, mas não determinante". A aprovação das reformas terá um impacto positivo muito mais no mercado financeiro do que na economia real.

Passada a ressaca no mercado financeiro e a desconfiança de agentes econômicos, especialmente estrangeiros, sobre a ca-



Mettenheim: otimismo em relação à expansão no segundo semestre

pacidade de o país superar choques externos, é a hora da virada do mercado de trabalho. Na sua opinião, as medidas anunciadas nas últimas semanas de fomento ao crédito popular e financiamento para gargalos da economia darão fôlego extra para o país crescer a partir de julho, ao

lado das exportações.

"O crédito popular é um incentivo ao crescimento econômico e ao choque doméstico que não esbarra em limites de investimento e percepção estrangeiros", diz. É uma maneira de compensar a queda na renda do trabalhador, que vem ocorrendo desde 1997.